

Sobre a Universidade Empreendedora e o Processo de Empresarização: Reflexões Introdutórias

*Sobre la Universidad Emprendedora y el Proceso de Empresarización:
Reflexiones Introdutorias*

Alice Hubner Franz¹

Márcio Silva Rodrigues²

Resumo

O presente trabalho visa realizar uma primeira aproximação no que tange à compreensão acerca da construção da Universidade Empreendedora, à luz da teoria da empresarização proposta por Solé. Questiona-se se a construção teórica da Universidade Empreendedora reflete a centralidade assumida pela empresa como força organizadora da modernidade. Para tanto, buscou-se realizar comparações entre a teoria existente acerca da universidade empreendedora e a teoria da empresarização. Deste modo, observa-se que a ideia de Universidade empreendedora reflete este processo de empresarização principalmente por priorizar aspectos ao encontro com aspectos empresariais.

Palavras-Chave: Universidade; Empreendedorismo; Empresarização; Mundo-empresa.

Resumen

El presente trabajo pretende realizar una primera aproximación en lo que se refiere a la comprensión acerca de la construcción de la Universidad Emprendedora, a la luz de la teoría de la empresarización propuesta por Solé. Se cuestiona si la construcción teórica de la Universidad Emprendedora refleja la centralidad asumida por la empresa como fuerza organizadora de la modernidad. Para ello, se buscó realizar comparaciones entre la teoría existente acerca de la universidad emprendedora y la teoría de la empresarización. De este modo, se observa que la idea de Universidad emprendedora refleja este proceso de empresarización principalmente por priorizar aspectos al encuentro con aspectos empresariales.

Palabras claves: Universidad; Emprendedorismo; Empresarización; Mundo-empresa

1. Introdução

Impulsionadas pelo avanço da modernidade, as organizações têm legitimado a utilização de técnicas e processos até então limitados a outros campos ou espaços sociais. Tendo isto em vista, delimitar, por exemplo, o que hoje pertence estritamente ao campo econômico é uma tarefa tecnicamente impossível visto que campos como a cultura, a religião, o lazer, entre outros, tem acolhido cada vez mais objetivos econômicos (RODRIGUES E SILVA, 2006).

No que tange às Universidades, observa-se que, desde seu surgimento, estas têm passado por processos gradativos de mudanças nas suas formas de atuação, nas suas missões e

¹Graduada em Administração (UCPel); UFPel; Pelotas; RS; Brasil; alicefranz1@gmail.com;

²Doutor em Administração (UFSC); UFPel; Pelotas; RS; Brasil; marciosilvarodrigues@gmail.com

nas suas configurações. No Brasil, a partir de 1990, as reformas educacionais no ensino superior, influenciadas por políticas de caráter neoliberais, passaram impactar significativamente os campos de ensino, de pesquisa e de extensão das Universidades públicas, intensificando discursos tais como o da eficiência, da autônoma, da competitividade e da produtividade (RODRIGUES, 2011).

Não obstante a isso, no âmbito dessas Universidades tem surgido um movimento gradativo rumo a um aumento de iniciativas que fomentam uma maior interação entre Universidades e empresas, tais como as incubadoras de empresas, os parques tecnológicos e os programas de patentes acadêmicas e de propriedade intelectual. Por conta disso, a Universidade passou a priorizar o quantitativo, a produção eficiente e o compromisso com as demandas do mercado e do capital, além das Universidades passarem a adotar uma estrutura que reproduz o modelo da grande empresa capitalista priorizando o rendimento como finalidade, utilizando a burocracia como um meio e as leis de mercado como condição (CHAUÍ, 2001). Frente a isto, a Universidade passa a assumir o perfil de empreendedora tendo como uma de suas principais responsabilidades o desenvolvimento econômico, desenvolvimento este que ocorre de forma mais intensificada com uma Universidade voltada mais para a profissionalização do que para a formação, para o indivíduo do que para a coletividade.

Sendo assim, o presente trabalho visa traçar algumas considerações teóricas iniciais no que tange à compreensão acerca da construção da Universidade empreendedora, à luz da teoria da empresarização proposta por Solé (2004;2006). Questiona-se se a construção teórica acerca da Universidade empreendedora reflete a centralidade assumida pela empresa que passa a atuar como força organizadora da modernidade. Para tanto, através de um estudo de caráter qualitativo, buscou-se realizar comparações entre a teoria existente acerca da Universidade empreendedora e a teoria da empresarização.

2. Debate Teórico

O presente capítulo aborda o debate teórico acerca dos principais temas propostos neste trabalho, a saber: Empresarização e Universidade Empreendedora. Primeiramente é apresentada a teoria da empresarização proposta por Solé (2004; 2008). Em sequência, são apresentados os conceitos de Universidade empreendedora e suas características principais, a partir da abordagem de diferentes autores favoráveis a esta ideia.

2.1 Empresarização

A partir da emergência da modernidade, o mundo passou a organizar-se de uma forma singular e até então inédita. Neste processo, o modelo empresarial, guiado pelos pressupostos de eficiência, qualidade, resultados e perpetuação, expandiu-se globalmente e converteu-se no modelo ideal de organização das atividades humanas, submetendo tanto os indivíduos e as relações sociais a uma nova dinâmica quanto por difundir um ideal de modernização e de ferramentas que tem orientado as organizações a converterem-se em empresas (RODRIGUES, SILVA E DELLAGNELLO, 2014).

Solé (2004; 2008) acredita que a história humana não é linear e sim composta por movimentos constantes de criações e destruições de mundos e que, em cada um destes mundos, existe uma força que o organiza. Por conseguinte, a força que organiza e molda o

atual mundo dito moderno e desenvolvido, de acordo com Solé (2004; 2008), reside na empresa e, por isso, o autor denomina o nosso mundo de mundo-empresa. Isso significa dizer que o mundo é organizado por e para a empresa e que esta, junto com as características que a compõe, configura a nova forma ideal de ser que perpassa por todos os aspectos da vida.

Buscando destacar a centralidade assumida pela empresa hoje, Solé (2004) salienta que são as empresas que produzem e que fornecem o modo no qual se vive atualmente. É a empresa que caracteriza a vida das pessoas, as suas relações, os seus sonhos e os seus medos. Ademais, o autor lança mão dos seguintes questionamentos para sustentar seu argumento: Não é em uma empresa que a maioria de nós abre os olhos pela primeira vez? Não são para empresas que a maioria de nós é formada para trabalhar? Não são as empresas (cinema, televisão, etc.) que nos distraem? Nossos funerais não estão, cada vez mais, a cargo de empresas? As privatizações e políticas de liberação não indicam este movimento?

De posse deste conceito mais abrangente de organização, entende-se, portanto, que a empresa é um conjunto singular de relações entre humanos definidos no tempo e no espaço (SOLÉ, 2004). Ademais, Solé (2004) enfatiza que é esta organização singular que tem influenciado, cada vez mais, os seres humanos em todos os lugares do planeta. A esta influência crescente da empresa no atual contexto moderno o autor denomina de empresarização do mundo. A empresarização não é um fenômeno exclusivamente econômico, mas é também social, político, cultural, cognitivo, etc. (SOLÉ, 2008).

Este processo de empresarização pode ser evidenciado a partir de algumas manifestações comuns, que, muitas, vezes, são tidas como naturais e pouco são questionadas, conforme mencionado por Solé (2008). A primeira delas pode ser entendida a partir da rápida expansão geográfica da empresa desde seu surgimento na Europa do século XII. O que hoje se denomina de globalização ou mundialização, é, na verdade, a empresarização do mundo.

Outra manifestação comum reside no fato de que, em diferentes países, as relações e as atividades humanas estão, cada vez mais, a cargo de empresas. O movimento crescente em direção às privatizações e as políticas de liberalizações são provas disto. Atualmente, a modernização e o desenvolvimento de um país são sinônimos de sua empresarização.

O terceiro e o quarto movimento que indicam a crescente empresarização do mundo podem ser expressos pela influência exercida pela empresa sobre os humanos dentro e fora dela. Assim, no interior da empresa essa influência pode ser exemplificada através das tentativas de controle que a mesma exerce sobre o comportamento, as emoções, e, mais recentemente, sobre o imaginário de seus funcionários, visando o aumento de produtividade e de eficácia. Já a influência da empresa sobre os seres humanos fora dela pode ser evidenciada pelo fato de que o que se consome e o que se utiliza são, cada vez mais, fruto de empresas.

Outrossim, não é raro encontrar organizações que não são empresariais utilizando a linguagem, os métodos, as ferramentas, as técnicas e as práticas das empresas. O modelo a ser seguido por todas as organizações e atividades humanas é, cada vez mais, o modelo empresarial.

2.2 Universidade Empreendedora

A Universidade empreendedora, de acordo com Clark (1998) é aquela que busca inovar ativamente sua forma de atuação, que busca promover mudanças em sua arquitetura organizacional visando um futuro promissor e que procura tornar-se uma Universidade “*stand up*” configurando-se como um importante ator. Para Etzkowitz et al (2000) as Universidades

empreendedoras são aquelas que englobam em sua missão, além do ensino e da pesquisa, o desenvolvimento econômico e passam a atuar em prol deste.

Neste sentido, os autores mencionados argumentam que, o tradicional papel de ensino das Universidades se modifica na medida em que elas passam a contribuir para o desenvolvimento econômico através de transferências tecnológicas e passam a auxiliar na modernização de empresas de pequena e média tecnologia.

Tendo isso em vista, no meio acadêmico emerge um *ethos* empreendedor que resulta em novas normativas científicas, ou seja, as normas que anteriormente condenavam a lucratividade no âmbito científico passam a sofrer alterações passando a permitir esse empreendedorismo (ETZKOWITZ, 1998).

Para Etzkowitz (2000) as Universidades devem incorporar os mecanismos de desenvolvimento e as estruturas emergentes abaixo descritas para tornarem-se empreendedoras:

- a) Transformação interna: as tradicionais tarefas da Universidade são revistas e ampliadas conforme as novas demandas;
- b) Impacto trans-institucional: indústria e governo desenvolvem cada vez mais capacidades intermediárias semelhantes, emergindo um equilíbrio dessas esferas institucionais;
- c) Processos de interface: a Universidade empreendedora exige uma maior capacidade de inteligência, monitoramento e negociação com outras esferas institucionais, especialmente a indústria e o governo;
- d) Efeitos Recursivos: além de estabelecer vínculos com organizações existentes, a Universidade empreendedora também desenvolve mecanismos que auxiliam na criação de novas empresas.

Não obstante a isso, Clark (1998) enumera cinco elementos necessários para a estruturação de uma Universidade empreendedora. O primeiro deles é a construção de um núcleo de direção reforçado que está diretamente relacionado com a capacidade gerencial da Universidade que deve agir ativamente às necessidades de mudança. O segundo elemento é uma periferia de desenvolvimento expandida que está ligada ao desenvolvimento de unidades que buscam relacionamentos com organizações externas à Universidade, como os escritórios de divulgação e os centros de pesquisas interdisciplinares. Uma base de financiamento diversificada se constitui no terceiro elemento e está relacionado ao fato de que as Universidades não podem depender exclusivamente de uma fonte de pesquisa, devendo buscar diversificar suas fontes financiadoras. O quarto ponto diz respeito ao desenvolvimento de um coração acadêmico estimulado que envolve a aceitação, por parte de departamentos centrais da Universidade, em alterarem suas posturas em prol da inovação e das novas configurações organizacionais. O quinto e último elemento envolve uma cultura empreendedora integrada que compreende uma cultura de mudança que seja disseminada ao longo do tempo em todos os níveis organizacionais da Universidade.

Considerações Finais

Frente ao que foi acima exposto, observa-se que a construção teórica acerca da Universidade empreendedora reflete as necessidades do mundo-empresa apresentado por Solé

(2004; 2006), principalmente por privilegiar uma Universidade que desenvolva a inovação e o empreendedorismo em seu âmbito, que esteja atenta as demandas dos setores empresariais e busque uma aproximação maior com este setor, que fomente a transferência tecnológica e a criação de novas empresas, que desenvolva capacidades gerenciais, que se adapte as mudanças com mais facilidade, que busque parcerias com organizações externas e que possua uma base de financiamento diversificada.

Assim, observa-se que, na ideia de Universidade Empreendedora, as Universidades passam a servir como instrumento das empresas, produzindo conhecimento que a elas sejam útil, além de fomentar a criação de novas empresas em seu âmbito. A estrutura organizacional ideal das Universidades empreendedoras é aquela que se assemelha a das empresas, com suas técnicas, ferramentas, práticas e lucratividade. Em suma, a educação passa a assumir um viés instrumental e funcionalista, adaptando as exigências educacionais às demandas do mercado (FRIGOTTO, 1984 apud LIMA JUNIOR, 2011).

Ademais, cabe destacar que este trabalho consiste em uma aproximação inicial com os temas propostos e que necessita ainda ser ampliada e aprofundada. Isto significa dizer que o que foi exposto até então caracteriza-se por ser um estudo introdutório da relação entre Universidade empreendedora e os pressupostos teóricos da empresarização.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CLARK, B.R. Creating entrepreneurial universities: organizational pathways of transformation. *Issues in Higher Education*. New York: Elsevier, 1998.

ETZKOWITZ, H. The norms of entrepreneurial science: cognitive effects of the new university-industry linkages. *Research Policy*. v.27, n.8, p. 823-833, 1998.

_____. The evolution of the entrepreneurial university. *International Journal of Technology and Globalisation*, v1, n.1, p. 64-77, 2004.

ETZKOWITZ, Henry; WEBSTER, Andrew; GEBHARDT, Christiane; TERRA, Branca Regina Cantisano. The future of the university and the university of the future: evolution of ivory tower to entrepreneurial paradigm. *Research Policy*, v. 29, p. 313-330, 2000.

LIMA JÚNIOR, Otávio Pedro Alves de. **O espírito do capitalismo e a cultura do empreendedorismo: educação e ideologia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

RODRIGUES, Anegleyce Teodoro. **A Universidade como Instituição Social de Formação e como Organização Administrada: confronto de sentidos nas reformas acadêmicas do ensino de graduação da Universidade Federal de Goiás entre 1983 e 2002**. Tese (doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiania, 2011.

RODRIGUES, Márcio Silva; SILVA, Rosimeri Carvalho da; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento. O Processo de Empresarização em Organizações Culturais Brasileiras. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, jan./mar. 2014.

Rodrigues, Márcio Silva; SILVA, Rosimeri de Fátima Carvalho da. Empresarização no Figueirense Futebol Club e no Sport Club Internacional. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v.4, n.3, nov./dez. 2006.

SOLÉ, Andreu. ¿Qué es una empresa? Construcción de un idealtipo transdisciplinario. **Working Paper**. Paris, 2004.

_____. L'enterprisation du monde. In CHAIZE, J.; TORRES, F. **Repenser l'entreprise: Saisir ce qui commence, vingt regards sur une idée neuve**. Paris: Le Cherche Midi, 2008.